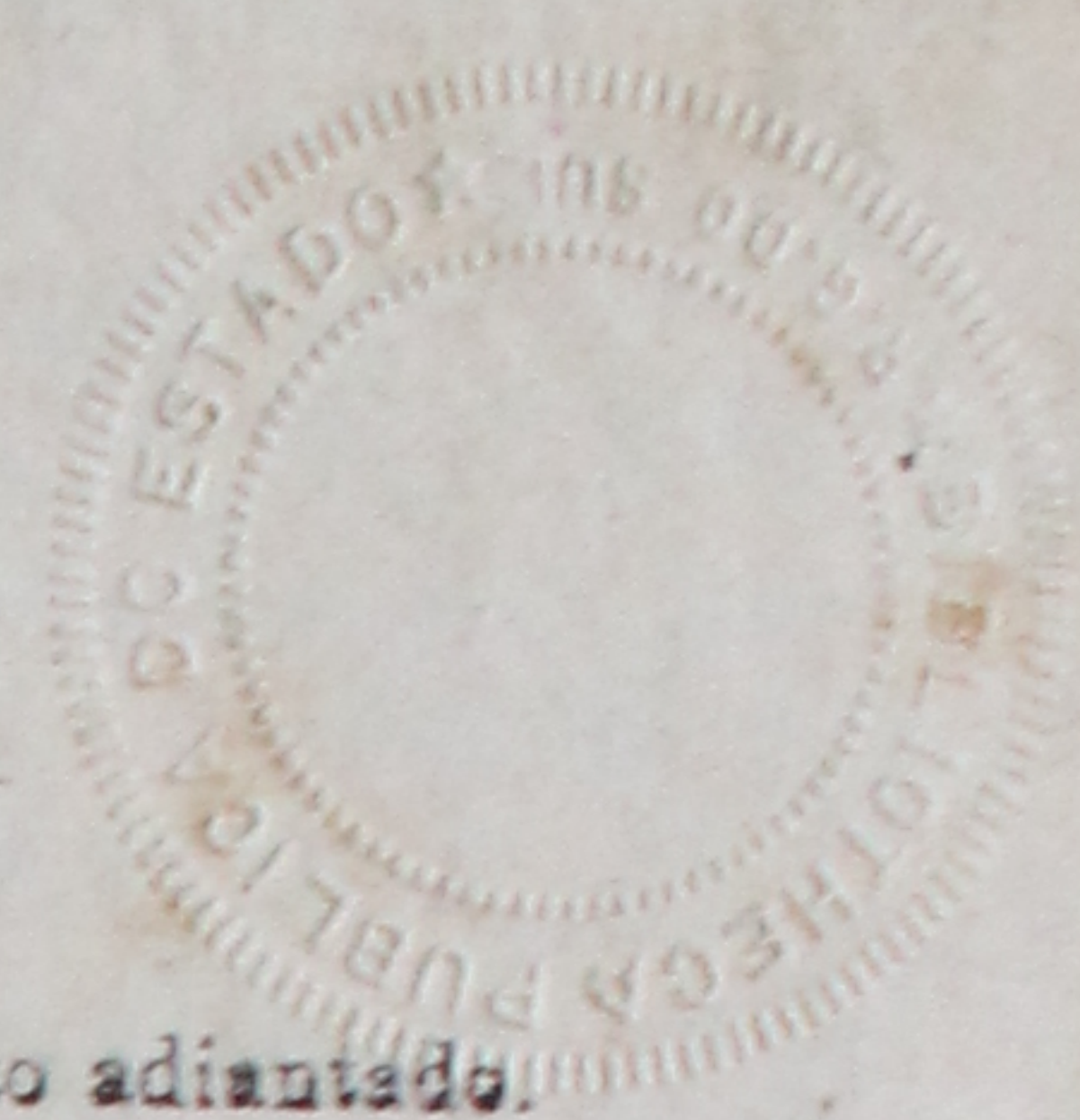


# A DEMOCRACIA

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

SEGUNDA ÉPOCA



Publica-se ás segundas-feiras. Assignaturas — Para a capital : 18000 rs. mensaes. Para fóra da capital : 68000 rs. por semestre. Pagamento adiantado.

ANNO I

PORTO AEGRE, 23 DE NOVEMBRO DE 1874

N. 4

## A DEMOCRACIA

### A SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Duas partes bem distinctas encerra a lei constitucional do Brazil.

Uma, que delinea as attribuições da monarchia.

Outra, que estabelece os direitos da nação.

O monarcha é irresponsavel, inviolavel e sagrado; é a chave de todos os poderes; escolhe *livremente* os ministros; nomeia os altos funcionarios; dissolve a camara temporaria; faz a guerra e a paz; representa a nação ante as potencias estrangeiras por si e seus embaixadores; é vitalicio no governo e o lega a seus descendentes.

A nação é soberana, visto que os poderes do Estado são delegações suas; elege as camaras legislativas, uma vitalicia, outra temporaria; estas decretam as leis e votam os impostos; fiscalizam os actos do poder executivo.

Do confronto destas faculdades resulta, desde o primeiro aspecto, uma palpavel contradicção.

Quem é o verdadeiro soberano, o monarcha ou a nação?

Incontestavelmente é o monarcha, que nunca deixa o poder, que não tem responsabilidade, que governa *livremente* com seus ministros, que retira o mandato aos legisladores, que nomeia os juizes e os remove.

Qual é o alcance, pois, da expressão constitucional, que diz serem *todos* os poderes delegações da nação?

Não passa essa formula banal e óca de uma grosseira burla; porque a nação não elege o chefe do executivo, que é ti-

rado por ordem de primogenitura de um ramo da familia real portugueza; não elege *livremente* os legisladores, e se os elege, o monarcha tem o direito de tiralhes o mandato quando lhe apraz; não intervem na nomeação dos juizes; não declara a guerra e não faz a paz.

Onde estão os actos de soberania que exerce esta nação?

Se ha alguma applicação adaptavel ao famoso rei bolonio de Berenger, *le roi d'Yvetot*, é esta soberania burlesca da nação brasileira.

A unica, frouxa e insustentavel objecção que poderia ser-nos apresentada, é a faculdade das camaras legislativas de legislarem.

Nada mais illusorio e mais ridiculo!

A iniciativa das leis pertence aos corpos legislativos e ao governo promiscuamente.

Ora o poder executivo, isto é, o governo, não é uma delegação da nação, por que o imperante que o escolhe *livremente* não é delegado da nação, porque o seu *direito* de governar vem de ter nascido da mulher legitima do imperante fallecido.

Si este poder não depende absolutamente da nação para viver, manter-se e perpetuar se no governo, é admissivel, ainda para os mais nescios, que elle se sujeite á *livre* vontade dos legisladores, *livremente* eleitos?

Seria o caso de um dono de casa, que se guiasse pelas deliberações dos seus criados.

O imperador é o amo (assim o chamam os seus criados, e chamam bem); onde se vê, senão em diminuta minoria, os homens livres e briosos, capazes de arcar com o amo e impor-lhe legisladores independentes e capazes de fundar os até hoje illusorios direitos da nação?

Esses poucos homens bons ainda lu-

tam, com mais ou menos tenacidade, por alcançar uma lei que dê a eleição dos mandatarios do povo garantias de liberdade.

Elles ainda se pagam de illusões, acreditando que possa haver um processo eleitoral que engendre uma camara independente e verdadeiramente soberana.

E' deploravel um tal engano, e não é o menor dos seus inconvenientes fazer perder-se um tempo precioso nessas vãs tentativas.

Quando a soberania absoluta e irresponsavel está nas mãos de um homem e esse só deixará o poder com a morte, é escusado imaginar meios artificiaes e engenhosos de arrancar-lhe suavemente as faculdades discricionarias que exerce.

Nem a eleição directa *generalizada*, nem o suffragio universal conseguirão produzir uma camara legislativa, independente do executivo.

Este tem em suas mãos numerosos meios de corrupção e de influencia, contra os quaes não podem lutar os homens do paiz, que ainda se dispozessem a tentar a regeneração d'elle por intermedio da eleição livre.

O suffragio universal de Napoleão III é uma proveitosa lição.

Uma camara subserviente é uma das molas reaes da monarchia que nos rege. Ella não é tão imbecil que deixe quebrar essa mola, pelo esforço impotente de alguns bons cidadãos, dedicados á patria.

Mas concedamos de barato que um supremo esforço da nação conseguisse mandar ás cadeiras legislativas uma maioria de representantes firmes e incorruptiveis, dispostos a estirpar os abusos da monarchia e a impossibilitar-a de abusar no futuro.

Esses legisladores, por mais que fizes-

sem, não poderiam decretar a extinção da monarchia.

Pois bem, um bello dia, o monarcha fatigado de condescendencias, ou já despreocupado do movimento popular que o contrariou, despede por um decreto de dissolução os importunos innovadores e manda eleger outros que desfaçam a obra começada da nossa emancipação.

Assim aconteceu com o acto adicional e com a lei da interpretação.

Não é isto um ridiculo arrastar de carranguejo.

Não é um circulo vicioso interminavel?

Uma nação, que se presa e aspira aos engrandecimentos do progresso e da liberdade, pôde ser assim o juguete destas intrigas, e viver em uma constante oscillação de idas e venidas, tão degradante para seus brios, como funesta á sua prosperidade?

Não cerremos os olhos á verdade com medo de vel-a na sua austera nudez.

Contra a soberania de facto que exerce o monarcha e que exercera sempre, a despeito de todas as leis e de todos os esforços dos homens livres, é impotente, é nulla, é illusoria a soberania de direito que compete á nação.

Não ha lei eleitoral, nem poder de imprensa ou de tribuna que faça desaparecer aquelle facto e restabeleça em seu lugar este direito.

Todos os esforços nessas direcções, se não são inteiramente improficuos, são inefficazes.

Concordemos, todos os brasileiros que não querem amo, que só ha uma solução razoavel ao problema de reivindicar a soberania nacional, usurpada por uma sucursal da casa portugueza de Bragança.

Essa solução, por mais dolorosa que possa ser aos ouvidos timoratos, por mais assustadora que seja aos animos imbelles

### RETROSPECTO SEMANAL

Foi uma semana theatral. Espectaculos em toda a parte, até no... theatro, quem pensaria?!

Os «Martyres da Germania» salvaram os martyres da arte.

Pobre arte e pobres artistas!

E não querem que acensem os governos, como se não fossem elles os legitimos responsaveis por este abandono do theatro, por esta degradação em que dia a dia decae a poesia dramatica, talvez a mais social de todas.

Quereis saber ao certo quando começa a corrupção de um povo?

Pela decadencia do theatro.

O divino Platão, presentindo a decadencia da arte em sua republica, affastou desde logo os poetas dramaticos.

E que a perversão do theatro é a consequencia da perversão do gosto e costumes de um povo.

As nossas letras apresentão incontestavelmente um periodo de declinio e desfallecimento.

Nem admira que assim seja, quando o prizente essa enfermidade moral que lhe adormece o entusiasmo e lhe paralysa a acção para as conquistas do espirito; quando, uns apoz outros,

escoão-se os annos, sem que a patria tenha a commemorar um grande acontecimento nos domínios do ideal.

Quando as sociedades perdem de todo a fé, e egoismo vem substituil-a, não ha ideia generosa que vingue; a creença uma vez esgotada separa o homem do bello e do sublime. A parte os odios e as paixões mesquinhas que se entrecrocão, o Brazil parece antes um moribundo que se arrasta, do que uma nacionalidade viril que retempera o civismo para lançar-se na senda do futuro.

Nenhuma ideia politica nos domina neste momento; se não valem as nossas palavras, ahí estão os factos, ahí está o theatro decahido, attestando a mais culposa indifferença de quem podia, senão regenerar-o, ao menos soccorrel-o das das affrontas que o degradam.

Se nos bons costumes, na educação está sobrevidua a regeneração de um povo, porque o theatro não ha de ser amparado, elle que é a grande escola de todas as classes sociais?

A musa dramatica cedeu lugar á desenvoltura, a poesia transformou-se em mercantilismo, o ideal em degradação.

O que é certo, é que os grandes destinos da arte não encontram horizontes aqui.

Este quadro é desolador e triste, é um

symptoma indicativo da corrupção que sobra e enerva as sociedades que se arrastam pelo pó da descreença.

Os engenhos os mais audazes sentem-se abafados nesta atmosphera mephtica; querem desatar as azas, encaram o sol que cunda sfoe grandes poemas, mas temem a queda e as aggressões que fulminam.

A espontaneidade esmorece, a musa das sublimes inspirações foje espavorida para não ser contaminada da lepra.

O drama cahio, porque não ha auditorio.

A arte morre, morre ás mãos do governo.

E quem ha de resuscitá-la?

Quem será o Chateaubriand para uma nova reacção espiritalista?

O futuro dirá.

Espectaculos por toda a parte, dissemos nós sim, espectáculo até no templo do Senhor.

Pois não ouvirão aquellas badaladas fúnebres como a morte, aterrorisadoras como um incendio?

«Bião! bião! bião!» de instante em instante; sinos a todas as horas e sineiros em todos os campanarios.

E o que era, o que foi aquillo?

Cada badalada parecia annunciar o extermínio da humanidade; momento horrivel como não ha exemplo nos annos do terror!

Ah! se os sineiros fossem o caracteristico do adiantamento moral de um povo, ó terra abençoada do Rio Grande, tu serias o ideal de todas as nações.

Porque gemeram assim os campanarios?

Que alto personagem morreu, que foi preciso que os sineiros se estrangulassem?

Isabel, a catholica?

Sua Santidade, o romano?

Os bispos prisioneiros?

Morreram todos a um tempo?

Só elles?

Só?

Não, foram preces, preces no seculo IX e contra todas as leis do bom senso.

Prepara-te, Maçonaria, os raios do Vaticano vão cahir sobre ti.

Escuda-te na caridade, se não queres morrer ás mãos do papa.

narcha ou a nação?

Incontestavelmente é o monarcha, que nunca deixa o poder, que não tem responsabilidade, que governa *livremente* com seus ministros, que retira o mandato aos legisladores, que nomeia os juizes e os remove.

Qual é o alcance, pois, da expressão constitucional, que diz serem *todos* os poderes delegações da nação?

Não passa essa formula banal e ôca de uma grosseira burla; porque a nação não elege o chefe do executivo, que é ti-

## RETROSPECTO SEMANAL

Foi uma semana theatral. Espectaculos em toda a parte, até no...theatro, quem pensaria?!

Os «Martyres da Germania» salvaram os martyres da arte.

Pobre arte e pobres artistas!

E não querem que accusemos os governos, como se não fossem elles os legitimos responsáveis por este abandono do theatro, por esta degradação em que dia a dia decae a poesia dramatica, talvez a mais social de todas.

Quereis saber ao certo quando começa a corrupção de um povo?

Pela decadencia do theatro.

O divino Platão, presentindo a decadencia da arte em sua republica, affastou desde logo os poetas dramaticos.

E' que a perversão do theatro é a consequencia da perversão do gosto e costumes de um povo.

As nossas lettras apresentam incontestavelmente um periodo de declinio e desfalecimento.

Nem admira que assim seja, quando o paiz sente essa enfermidade moral que lhe adormece o entusiasmo e lhe paralysa a acção para as conquistas do espirito; quando, uns apoz outros,

*livre* vontade dos legisladores, *livremente* eleitos?

Seria o caso de um dono de casa, que se guiasse pelas deliberações dos seus criados.

O imperador é o amo (assim o chamam os seus criados, e chamam bem); onde se vê, senão em diminuta minoria, os homens livres e briosos, capazes de arcar com o amo e impor-lhe legisladores independentes e capazes de fundar os até hoje illusorios direitos da nação?

Esses poucos homens bons ainda lu-

esçoão-se os annos, sem que a patria tenha a commemorar um grande acontecimento nos domínios do ideal.

Quando as sociedades perdem de todo a fé, e egoismo vem substituil-a, não ha ideia generosa que vingue; a crença uma vez esgotada separa o homem do bello e do sublime. A' parte os odios e as paixões mesquinhas que se entrechocão, o Brazil parece antes um moribundo que se arrasta, do que uma nacionalidade viril que retempera o civismo para lançar-se na senda futuro.

Nenhuma ideia politica nos domina neste momento; se não valem as nossas palavras, ahi estão os factos, ahi está o theatro decahido, attestando a mais culposa indiferença de quem podia, senão regenerar-o, ao menos soccorrel-o das das affrontas que o degradam.

Se nos bons costumes, na educação está sobretudo a regeneração de um povo, porque o theatro não ha de ser amparado, elle que é a grande escola de todas as classes sociaes?

A musa dramatica cedeu lugar á desenvoltura, a poesia transformou-se em mercantilismo, o ideal em degradação.

O que é certo, é que os grandes destinos da arte não encontram horizontes aqui.

Este quadro é desolador e triste, é um

Uma camara subserviente e uma das molas reaes da monarchia que nos rege. Ella não é tão imbecil que deixe quebrar essa mola, pelo esforço impotente de alguns bons cidadãos, dedicados á patria.

Mas concedamos de barato que um supremo esforço da nação conseguisse mandar ás cadeiras legislativas uma maioria de representantes firmes e incorruptiveis, dispostos a estirpar os abusos da monarchia e a impossibilitar-a de abusar no futuro.

Esses legisladores, por mais que fizes-

symptoma indicativo da corrupção que solapa e enerva as sociedades que se arrastam pelo pó da descrença.

Os engenhos os mais audazes sentem-se abafados nesta atmospherá mephitica; querem desatar as azas, encaram o sol que cunda sfoe grandes poemas, mas temem a queda e as aggressões que fulminam.

A espontaneidade esmorece, a musa das sublimes inspirações foje espavorida para não ser contaminada da lepra.

O drama cahio, porque não ha auditorio.

A arte morre, morre ás mãos do governo.

E quem ha de resuscital-a?

Quem será o Chateaubriand para uma nova reacção espiritualista?

O futuro dirá.

\* \*

Espectaculos por toda a parte, dissemos nós sim, espectáculo até no templo do Senhor.

Pois não ouvirão aquellas badaladas fúnebres como a morte, aterrorisadoras como um incendio?

«Blão! blão! blão!» de instante em instante; sinos a todas as horas e sineiros em todos os campanarios.

ser aquelle facto e restabeleça em seu lugar este direito.

Todos os esforços nessas direcções, se não são inteiramente improficuos, são inefficazes.

Concordemos, todos os brazileiros que não querem amo, que só ha uma solução razoavel ao problema de reivindicar a soberania nacional, usurpada por uma sucursal da casa portugueza de Bragança.

Essa solução, por mais dolorosa que possa ser aos ouvidos timoratos, por mais assustadora que seja aos animos imbelles

E o que era, o que foi aquillo?

Cada badalada parecia annunciar o exterminio da humanidade; memento horrivel como não ha exemp'o nos annaes do terror!

Ah! se os sineiros fossem o caracteristico do adiantamento moral de um povo, ó terra abençoada do Rio Grande, tu serias o ideal de todas as nações.

\* \*

Porque gemeram assim os campanarios?

Que alto personagem morreu, que foi preciso que os sineiros se estrangulassem?

Isabel, a catholica?

Sua Santidade, o romano?

Os bispos prisioneiros?

Morreram todos a um tempo?

Só elles?

Só?

Não, foram preces, preces no seculo IX e contra todas as leis do bom senso.

Prepara-te, Maçoneria, os raios do Vaticano vão cair sobre ti.

Escuda-te na caridade, se não queres morrer ás mãos do papa.